

Referenciando semioses não verbais: breves reflexões

(Referencing nonverbal semioses: *brief reflections*)

Thaís Ludmila da Silva Ranieri¹

¹Unidade Acadêmica de Serra Talhada – Universidade Federal Rural de Pernambuco

thaisranieri@yahoo.com.br

Abstract: As many authors have highlighted, referenciation cannot be established as an activity apart or isolated from the text plan. It activates elements of several semioses in its process. We realize that not only verbal elements are referenced within the text, but also any nonverbal elements are referenced by language users in their interactions. On account of this, the present work aims at reflecting on the studies that encompass referenciation, whose main focus is the existence of aspects, known as multimodal and collaborative, necessary to set up a referential progression. Our results allow us to assert that referenciation happens not only on a verbal basis. Instead, all semioses are activated and act as objects of discourse.

Keywords: referenciation; multimodality; nonverbal semioses

Resumo: A referenciação, como vários autores vêm chamando atenção, não se estabelece como uma atividade crivada apenas no plano textual, mas a partir da ativação de elementos de semioses diversas em seu processo. Percebemos que não são apenas os elementos verbais que podem ser referenciados dentro do texto, já que os sujeitos referenciam qualquer elemento não verbal presente em suas interações. Em vista disso, o presente trabalho tem por objetivo levantar algumas reflexões em torno do estudo da referenciação, tendo por base lançar um olhar para os aspectos multimodais e colaborativos necessários para se estabelecer a progressão referencial. Nossos resultados permitem-nos mostrar que a referenciação não se dá somente do verbal para o verbal, mas todas as semioses são ativadas e passam a atuar como objetos de discurso.

Palavras-chave: Referenciação; multimodalidade; semioses não verbais.

Apresentação

Em todas as nossas ações discursivas, sejam orais ou escritas, há uma mescla de semioses que são acionadas como recursos indissociáveis do verbal. Temos, por exemplo, um “bom dia!” dito e acompanhado de um aceno de cabeça ou de mão a um bilhete deixado em cima da mesa com um *emoticon* ao lado da assinatura. Todas as nossas ações cotidianas são marcadas pela associação entre o verbal e o não verbal. Assim, Bem mais do que uma opção estilística da linguagem, a multimodalidade é um elemento constitutivo de nossas práticas sociais.

Entendemos que a condição multimodal se estende aos processos textuais, uma vez que o texto é a unidade de realização do sistema de uma língua. Por sua vez, percebemos que a referenciação, por ser um dos processos constitutivos da atividade verbal, não se dá em condições monomodais. Acreditamos que a articulação do verbal ao não verbal é uma ação produtiva para a construção do sentido no texto, tendo em vista a sua progressão referencial.

Diante dessas questões, o presente trabalho busca levantar reflexões em torno de uma abordagem multimodal para a referenciação. Para isso, traremos um panorama teórico alicerçado nas discussões mais recentes em que (re)discutiremos o conceito de texto, bem como o de referenciação. Em seguida, apresentaremos alguns exemplos que

nos ajudarão a melhor apreciar a multimodalidade em situações de construção referencial e de progressão dos objetos de discurso.

Texto: para além do linguístico

Em consonância com as discussões tratadas dentro do escopo da Linguística de Texto (doravante LT), deixamos de encarar o texto apenas como uma unidade verbal, para passar a compreendê-lo como uma unidade multissemiótica. Torna-se, portanto, imprescindível conceber o texto como um elemento multimodal em que as diversas semioses emergem, para uma atuação em conjunto na produção de sentidos. Assim, “Podemos dizer, então, que a já aludida natureza multifacetada do texto comporta em sua constituição a possibilidade de a comunicação ser estabelecida não apenas pelo uso da linguagem verbal, mas pela utilização de outros recursos semióticos” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 64).

Passamos a perceber que a unidade textual requer a mobilização de um vasto conjunto de conhecimentos em permanente reconstrução a cada momento da interação verbal. Logo, o texto não representa somente a materialidade do contexto, nem é unicamente o conjunto de elementos que se organiza numa superfície material suportada pelo discurso. O texto é uma construção que cada sujeito faz a partir da relação que se estabelece entre o enunciador, o sentido, a referência e o interlocutor num dado contexto sócio-cognitivo-cultural. Por isso, a unidade textual está atrelada a uma enunciação discursiva.

Dentro dessas condições, o linguístico não está em uma situação hierárquica de superioridade, mas se encontra em constante articulação com as semioses não verbais. A linguagem verbal passa a ser vista como mais um dos elementos que compõem a entidade textual e não como o elemento único e constitutivo da unidade textual.

Para corroborar com a nossa posição, trazemos mais uma vez Cavalcante e Custódio Filho (2010) para a discussão. Os autores, ao *revisitarem o estatuto do texto*, levantam algumas condições importantes que nos fazem repensar a unidade textual. Ao encararem o *texto como objeto complexo e multifacetado*, retomam uma citação de Koch (2004) em que a autora apresenta um conceito de texto. Na paráfrase que fazem, os pesquisadores destacam alguns pontos importantes na formulação da pesquisadora, riscam outros e, por fim, nos apresentam a seguinte versão:

A produção da linguagem [verbal e não verbal] constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos [linguísticos] presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 64)

Os próprios autores chamam atenção para dois pontos:

(1) o fato de que a linguagem produz sentidos independente de sua realização semiótica, seja verbal ou de outro tipo e (2) que a superfície textual não é constituída apenas por elementos linguísticos.

Tais condições nos levam a repensar a constituição do texto, a rever a sua organização e os processos de produção de sentidos, visto que o linguístico se apresenta como mais um elemento a ser considerado na estrutura textual. Os fatores sociais, culturais, cognitivos e as semioses de outras naturezas assumem uma condição de relevância sobre essa nova ótica.

Além de Cavalcante e Custódio Filho (2010), Ramos (2012) é outro pesquisador que vem defendendo a necessidade de uma reavaliação do conceito de texto dentro da Linguística de Texto. Segundo ele,

Além da inclusão dos textos multimodais no escopo dos estudos textuais, há também as implicações disso. Uma delas, talvez a central, seria observar como de dá o processamento textual de tais produções sob o ângulo da Linguística Textual. Uma questão que se lança logo de início é verificar se o escopo teórico aplicado aos enunciados verbais escritos é válido também para os de cunho visual ou verbovisual (RAMOS, 2012, p. 744).

O pesquisador chama atenção para o fato de termos que repensar o próprio escopo de investigação da LT, bem como para a necessidade de (re)pensarmos os aspectos metodológicos das pesquisas em LT.

Diante dessas condições, o texto passa a ser visto, por nós, como uma entidade multimodal em que os sentidos emergem na articulação conjunta entre as múltiplas semioses. Não priorizamos aqui o verbal em detrimento do não verbal, mas cremos numa relação de atuação conjunta, tendo em vista a produção de sentido e o estabelecimento da coerência. Acreditamos que esse amálgama é constitutivo do texto em ambas as modalidades de realização da língua, seja escrita ou oral.

A referenciação como uma atividade multimodal

Ramos (2012) vem mostrando que a referenciação não é uma atividade pautada no verbal. Ao estudar as tirinhas cômicas, o autor mostra que “no tocante à referenciação, os objetos-de-discurso são instaurados por meio dos desenhos criados pelo autor da tira e recuperados pelo leitor na interação sociocognitiva” (RAMOS, 2012, p. 753). O autor mostra que em tiras que não apresentam nenhum elemento verbal existem estratégias de progressão textual que ocorrem também em textos verbais: como a introdução de referente, a sua retomada e a atividade de recategorização. O leitor aciona os elementos cognitivos, culturais, linguísticos para garantir a construção de sentidos e, por conseguinte, a progressão textual.

Ainda dentro da questão em torno da condição multimodal da referência, Morato (2001) afirma que a construção da referência prevê uma arbitragem de fatores que pressupõem o linguístico, mas, ao mesmo tempo, transcendem-no. Podemos colocar entre esses fatores aqueles que tratam dos componentes pragmáticos, afetivos e, até, ideológicos. Sua visão permite-nos ver a associação de elementos do cotexto e do contexto como essencial para a estabilização da referência.

Na colocação da autora, podemos perceber a necessidade de se ter o plano linguístico, mas também de associá-lo a outros elementos, bem como a outras organizações semióticas, ressaltando, assim, uma concatenação entre elementos verbais e não verbais na construção da referência. Morato vem, dessa forma, permitindo, como outros autores

(MONDADA, 2005; BENTES; RIOS, 2005; CUSTÓDIO FILHO, 2011; RAMOS, 2012), conceber uma nova perspectiva para os estudos da referência: *a condição multimodal da referenciação*.

Mondada (2005) também postula a existência de abordagens plurais nas práticas referenciais. De acordo com a pesquisadora, o processo referencial é uma atividade tanto discursiva, quanto gestual, pois há uma articulação entre uma prática referencial verbal e uma prática constituída por elementos de semioses diversas.

Bentes e Rios (2005), tomando por base os pressupostos da perspectiva sociocognitiva e o trabalho de Mondada (2005), investigam a construção da referência em circunstâncias de atuação em conjunto dos sujeitos e frente a uma possibilidade de articulação entre elementos verbais e não verbais. Para elas,

[...] a maneira pela qual os referentes são mostrados/introduzidos (por meio da linguagem audiovisual da narrativa selecionada) pode ser considerada uma âncora para os sujeitos, a partir da qual “os locutores tornam publicamente manifestos seus processos interpretativos para os fins práticos da atividade em curso. (BENTES; RIOS, 2005, p. 267)

Dividida em sete exemplos, as análises feitas pelas pesquisadoras mostram a atuação em conjunto dos sujeitos no processo de referenciação e a articulação entre o verbal e o não verbal. É interessante notar o fato de que nesse processo de recategorização serão reconstruídos não só os elementos verbais, bem como os não verbais. Em uma das mostras selecionadas por Bentes e Rios, chama-nos a atenção a referenciação do objeto de discurso *música*. O objeto de discurso apresentado pelos sujeitos participantes da pesquisa não é parte da interação como um elemento verbal, mas é parte do cenário discursivo como um elemento que compõe a trilha sonora do episódio, ou seja, trata-se de um dos modos de comunicação presentes na interação. Mesmo assim, ao recontarem a história os sujeitos da pesquisa o recategorizam, usando expressões referenciais como “a musiquinha”, “a música”, “as músicas do fundo”, “aquela música bem cafajeste”.

Percebemos a recategorização de um dos modos de comunicação presentes no cenário discursivo – o musical – por estratégias referenciais de ordem linguística. As autoras não se aprofundam nesse ponto, mas podemos notar um tipo de estratégia referencial que se dá por outros vieses, ultrapassando a barreira do verbal. Outro ponto que merece nosso destaque é o fato de que, ainda que a música não seja um objeto do discurso na narrativa mostrada aos alunos, não há uma anulação do objeto pelos sujeitos. A sua importância para a construção de sentido é tão grande que é retomada nos discursos reelaborados a partir da narrativa ou do texto-base.

O objeto de discurso *música* não é apresentado verbalmente pelo texto que será retextualizado pelos falantes, mas aparece na retextualização por meio de uma ação conjunta. No texto-fonte, a música – a trilha sonora – é um dos modos de comunicação. O fenômeno se torna ainda mais interessante, pois não é percebido apenas por um dos sujeitos da pesquisa, mas por vários outros, ressaltando ainda mais a referenciação como uma atividade colaborativa.

Nesses espaços, as interações verbais, além de serem concebidas em uma perspectiva de atuação conjunta e colaborativa, também são marcadas pela articulação de elementos verbais e não verbais, formando uma só unidade de sentido. Segundo as autoras,

“os exemplos analisados contribuem fortemente para a concepção de que as práticas de referenciação são, em contextos de interação face a face, multimodais, assim como a construção da referência nestes contextos é feita com base em âncoras de natureza audiovisual” (BENTES; RIOS, 2005, p. 287).

De pensamento parecido, Mondada (2005) afirma que se mostra fundamental fazer uma reflexão sobre a produção da referência em meio a práticas sociais multimodais. Para a autora, é imprescindível se deter na articulação das várias semioses no processo de construção da referência.

A referenciação é uma prática multimodal não só em contextos de interação face a face, mas em outros tipos de interações. Há associações modais mais adequadas e marcadas para cada tipo de modalidade de uso da língua, como prevê Norris (2011). No caso da referenciação, em interações face a face será mais visível, mais perceptível a articulação multimodal. Entretanto, viemos percebendo que tal questão não se afasta dos textos escritos. Parece-nos que a multimodalidade é constitutiva do processo referencial.

Morato (2005), numa reflexão em torno das interações de pacientes afásicos, também traz para a discussão a articulação das diversas semioses na construção da referência. Ao comentar um trecho de uma transcrição de um paciente afásico, a pesquisadora reforça o uso de outras semioses como estratégia importante nas interações. Acompanhemos:

Este episódio é interessante também para mostrar que sujeitos afásicos, mesmo quando apresentam uma produção verbal bastante afetada pela afasia (alterações no processamento semântico-lexical, realizações parafásicas, dificuldades em relação a certas complexidades sintáticas), *não deixam de atuar enunciativamente na construção do sentido e na manutenção e progressão do tópico conversacional, seja através da entonação, seja através da gestualidade e demais semioses que constituem pragmaticamente o sentido do enunciado e a objetivação da significação; se não levamos em conta isso em nossa análise*, indicando especialmente a ocupação de turnos e as posições enunciativas dos interlocutores, parece, de maneira equivocada, que os sujeitos afásicos ficam à margem da conversação ou do propósito discursivo, impactados que seriam pelo comprometimento dos recursos linguísticos ou da capacidade de realizar operações metalinguísticas. (MORATO, 2005, p. 87, grifo nosso)

Uma das questões que podemos salientar no artigo de Morato é perceber que sujeitos afásicos, que apresentam problemas clínicos no campo da linguagem, não deixam de usar os recursos não verbais. Parece-nos que a recorrência ao não verbal é que garante pragmaticamente a construção de sentido em face da dificuldade inerente no processamento da produção linguística.

Os outros modos de comunicação, como se percebe, são acionados nas interações como elementos necessários para a elaboração dos referentes no jogo enunciativo. Não são adereços que enfeitam os recursos verbais, mas, são constitutivos do processo de elaboração dos referentes em qualquer tipo de interação.

Custódio Filho (2011) apresenta reflexões em torno da multimodalidade e de sua atuação na construção da referência. A hipótese lançada em seu trabalho de doutoramento é a de que as semioses envolvidas com o aparato verbal não são apenas recursos secundários na construção da referência, ou seja, não são um suporte semiótico em plano

secundário. São, na verdade, recursos tão importantes quanto as expressões referenciais, em vista da estabilização da referência.

Ao analisar os episódios de um seriado, Custódio Filho mostra a importância dos recursos imagéticos na construção do referente. Segundo ele, em comparação ao conto que também foi analisado,

Desde o primeiro episódio, fica patente a participação da semiose visual na construção da referência. Tudo o que foi elaborado sobre o personagem foi calcado quase que exclusivamente na imagem. E se, no conto, as predicções, as expressões referenciais e os sintagmas adjetivais garantiam a saliência das informações por meio de confirmações, neste primeiro episódio, as imagens fizeram esse trabalho. Isso implica que a linguagem visual também é uma materialidade que contribui para as etapas de elaboração da referência, daí nossa proposta de incluí-la como mais um dos múltiplos fatores. (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 225)

Por essa *heterogeneidade* da referenciação entendemos que *a referenciação é uma atividade multimodal e discursiva de cunho sociocognitivo, baseada numa relação intersubjetiva, coletiva e colaborativa de uso da linguagem*. Diante dessa consideração, seguimos com a discussão do trabalho.

Sobre as semioses não verbais e os processos de referenciação

Após os pressupostos teóricos precedentes, encaminhamo-nos para a segunda parte do trabalho que busca apresentar reflexões que contribuam com as discussões anteriores. Para isso, tomaremos os apontamentos feitos em um trabalho anterior em que analisamos o gênero comentário *online* (RANIERI, 2014) e os reforçaremos com a análise de um texto publicitário.

Em um artigo intitulado *Multimodalidade e referenciação no gênero comentário*, apresentamos reflexões sobre a construção da referência em comentário postados no site *Youtube* a partir de visualizações do videoclipe da música *Acelaraê*, da cantora Ivete Sangalo. O trabalho apresenta reflexões sobre a referenciação em ambiente virtual. De modo geral, mostra as construções referenciais utilizadas pelos internautas em uma atuação conjunta e colaborativa, salientando os aspectos multimodais da referenciação.

Os comentários postados partilham opiniões (contrárias ou a favor) em vista de um objeto de discurso. É interessante observar que não há um objeto de discurso único, em destaque, mas há ativação de vários objetos de discurso, à medida que os comentários vão sendo feitos.

Tal como propõe o trabalho de Bentes e Rios (2005), na elaboração dos comentários, os internautas referenciam os modos de comunicação, como se fossem referentes linguísticos. Os modos de comunicação cor, gesto, dança, música, figurino, passam a ser discursivizados e assumem a condição de objetos de discurso. É interessante ressaltar que as características estruturais dos modos de comunicação apresentados são acionadas nesse processo de recategorização. O referente introduzido que se apresenta recategorizado salienta características dele enquanto modo de comunicação. Dessa forma, cada comentário ativa um objeto de discurso e reativa-o, ao passo que os internautas vão escrevendo

e se posicionando diante do tópico proposto, formando um painel multimodal nesse tipo de interação (CUSTÓDIO FILHO, 2011).

Vejamos o caso do figurino que foi um dos objetos de discurso ativados nos comentários que seguem. Primeiramente, mostraremos uma imagem extraída da cantora Ivete Sangalo vestida com o figurino do show tal como se apresenta no videoclipe e, em seguida, os comentários postados em relação a ele:



Imagem 1. Figurino usado pela cantora no videoclipe

Comentário 1

que roupa feia parece cantora de calypso
lucenaapb 4 meses atrás

Comentário 2

Quer imitar a lady gaga
ivesai00713c 5 meses atrás

Comentário 3

Rsrtrs Mas ´e serio... ela parece uma Joanhina no clipe! Rsrtrs
DIDSBH 5 meses atrás

Comentário 4

@DIDSBH joanhina drag kkkkkkkkk
filhadoel 5 meses atrás

Os comentários mostram que há uma recursividade que vai além do verbal para compor a referência. Um dos sintagmas utilizados – *Lady Gaga* – incorpora toda uma construção discursiva de extravagância, de excesso de cores e de formas não convencionais. Não é aleatória a seleção do sintagma nominal de *Lady Gaga* para recategorizar não só o figurino, mas toda a atuação de Ivete Sangalo no videoclipe. O referente é introduzido recategorizado pelo interlocutor numa situação de compartilhamento entre os demais interlocutores que postam seus comentários.

O próprio referente escolhido e ativado pelo internauta carrega uma carga multimodal que só pode ser entendida se levarmos em conta as condições pragmáticas e do contexto enunciativo, como aponta Morato (2005).

Essa possibilidade de construção de sentido é garantida pelas condições socio-cognitivas e culturais que permeiam o contexto enunciativo de construção das referências. Destacamos ainda os sintagmas *cantora de calypso*, *Joaninha* e *joaninha drag* que apelam para tais condições. Podemos postular a condição cognitiva para as atividades multimodais.

Vejamos agora o segundo texto que trata de uma publicidade que circulou em uma revista de venda direta. Acompanhemos:



Imagem 2. Publicidade

Quem nunca se decidiu por uma fragrância ao usar esse recurso da publicidade? Quem nunca esfregou o pulso para sentir o cheiro do perfume? Mais do que uma associação entre o verbal e elementos gráficos, que são bastante prototípicos dos textos escritos, temos a associação com um recurso semiótico que é bem característico das interações face a face: o cheiro. O efeito de sentido é construído com a possibilidade que o consumidor tem de experimentar o produto, de sentir o cheiro do perfume. Vejamos a imagem seguinte em que podemos ver, em foco, o espaço destinado ao cheiro e de que modo o leitor/consumidor pode ter acesso a esse recurso.



Imagem 3. Recurso olfativo em evidência

Somente a descrição da fragrância apresentada pela revista (*floral, refrescante e gerânio*) parece não ser suficiente descrever o perfume, como se dá dentro da revista. Há tantos outros perfumes com essas descrições dentro da revista, como, por exemplo, *Frescor de Buriti* – floral, refrescante, buriti ou *Algodão* – floral, refrescante, muguet; que essas referências parecem não singularizar o produto. A combinação dessas notas é efetivada com uma amostra da essência. Todos os dois, tal como a colônia *Biografia Feminino* são florais e sensuais. Entretanto, a referência construída para o *Biografia Feminino* é estabelecida com possibilidade de se sentir o aroma do produto. O fato de ser *floral, refrescante e gerânio* como um atributo do perfume *Biografia Feminino* só é possível por termos uma amostra do cheiro.

Parece-nos que o leitor/consumidor irá levar em conta ao referenciar o produto não apenas os aspectos visuais, como a embalagem e a cor do produto, mas entrará em sua composição a semiose olfativa em sua construção referencial.

Todas as semioses se organizam em prol da construção de sentido e dos processos que envolvem a referenciação. O sentido é construído na relação dos elementos sígnicos apreendida pelo contexto e pelos elementos cognitivos. Para Ramos (2007), os elementos não estão em uma relação de superioridade e inferioridade no plano textual, ou seja, o verbal não está acima das outras semioses, como Norris (2011) também defende. Percebemos que o fenômeno da referenciação é essencial para a progressão dos sentidos de um texto e que a recorrência à integração entre as diversas semioses não é uma opção de uma determinada pesquisa.

Os exemplos aqui expostos, ainda que pouco explorados, permitem-nos afirmar que a condição multimodal se torna parte da agenda do dia dos estudos da LT. A própria reconsideração do conceito de texto, tal como proposto por Cavalcante e Custódio Filho (2010) e Ramos (2012), é um caminho necessário para a ampliação dos estudos em LT. Acreditamos também que é necessário reconsiderarmos as nossas posições diante de fenômenos textuais, como a referenciação e, por fim, caminhamos para o entendimento de que a multimodalidade é imperativa aos estudos que investigam os fenômenos do texto.

Considerações finais

Diante das reflexões apresentadas, vemos que o nosso cotidiano é recoberto por eventos multimodais e isso não é uma característica do momento histórico que presenciemos e nem é fruto do aparato tecnológico que nos cerca. A multimodalidade é constitutiva da linguagem e, por sua vez, da interação humana.

Por isso, é inevitável repensar o conceito de texto, deixando de encará-lo como uma unidade apenas verbal, para passar a compreendê-lo como uma unidade multissemiótica. Torna-se, portanto, imprescindível conceber o texto como um elemento multimodal em que as diversas semioses emergem, para uma atuação em conjunto na produção de sentidos. Os exemplos apresentados nos mostram bem isso.

Os exemplos também reforçam a importância de pesquisas que se voltam para os fenômenos da referenciação, entendendo-a como uma ação discursiva de cunho multimodal. Já encontramos pesquisas que se debruçam sobre as semioses associadas à modalidade escrita, no entanto é ainda pequeno o número de pesquisas que se preocupa com oralidade e com as semioses que se associam a ela. Cabe-nos ampliar o nosso escopo de investigação e descrevermos mais processos referenciais multimodais.

REFERÊNCIAS

- BENTES, Anna Christina; RIOS, Vivian Cristina. A construção conjunta da referência em uma entrevista semimonitorada com jovens universitários. In: BENTES, Anna Christina; KOCH Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria (Org.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 265- 294.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Revisitando o Estatuto do Texto. *Revista do GELNE*, Teresina, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010.
- CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 2011. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2011.
- MONDADA, Lorenza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: BENTES, Anna Christina; KOCH Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria (Org.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-32.
- MORATO, Edwiges Maria. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação antireferencialista dos processos enunciativos. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 41, p. 55-74, jul./dez. 2001.
- MORATO, Edwiges Maria. Aspectos sócio-cognitivos da atividade referencial: as expressões formulaicas. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina (Org.) *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 79-94.
- NORRIS, Sigrid. *Analyzing Multimodal Interaction: a methodological framework*. Londres/ Nova Iorque: Routledge, 2001.
- RAMOS, Paulo Eduardo. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. 2007. 421 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

RAMOS, Paulo Eduardo. Estratégias de referência em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas. *Linguagem em (Dis)curso*, Santa Catarina, v. 12, n. 3, p. 743- 763, set./dez. 2012.

RANIERI, Thaís Ludmila da Silva. Multimodalidade e referência no gênero comentário. In: III COGITE - Colóquio sobre Gêneros & Textos [recurso eletrônico] 2013. *Anais...* Teresina: EDUFPI, 2014, p. 115-127.